da faz a diferença na educação. Dentro dessa necessidade surge um outro desafio que é a excessiva carga horária dos professores, muitos acumulam cargos e enfrentam essa realidade desgastante.

Por essa razão, políticas públicas voltadas para a formação do professor são necessárias para que o ensino de Artes possa ser ampliado e facilitando o acesso a mestrado e doutorado para os professores.

Sabemos a limitação dessa pesquisa, mas que possa contribuir para a reflexão do desafio existente no ensino de Arte e como sugestão para outras pesquisas o quão seria interessante que o professor especialista em Artes lecionasse na educação infantil, como ocorre no ensino fundamental.

A proposta é de iniciar desde a educação infantil aspectos da Arte e que continue ao longo de toda Educação Básica, visando sempre um ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO J. José Garcia de. Apostila de Arte – Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

CEBULSKI, Márcia Cristina. Introdução à história do teatro no ocidente dos gregos aos nossos dias. Paraná: Unicentro, 2012.

Comunidade Inamar. Disponível em: <https://www.coinamar.org.br/formacao> Acesso em 23 nov de 2020.

FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.

NISKIER, Arnaldo. Educação à Distância, a tecnologia da esperança; políticas e estratégias a implantação de um sistema nacional de educação aberta e a distância. Edições Loyola. São Paulo: 1999.

REVERBEL, Olga. Um caminho do teatro na escola. São Paulo: Scipione, 1997.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. Pedagogia do desenvolvimento infantil. 3 ed. Campinas: Editora Alínea, 2009.

SCHÖN A. Donald. Educando o profissional reflexivo um novo design para o ensino e aprendizagem. São Paulo: Artmed, 2000.

VYGOTSKY, L. S. Psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CONTAR ESTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

REVISÃO DE TÉCNICAS

EDNA REGINA DE LIMA

RESUMO

A prática de contar estórias é uma atividade antiga praticada desde os tempos mais remotos, civilizações inteiras passavam seus costumes de pai para filho, a partir de suas histórias. Na educação infantil, o ato de contar estórias precisa envolver o público para que ocorra a atenção no que está sendo apresentado. Considerando que as crianças nem sempre possuem muito tempo de concentração é preciso pensar em estratégias para que o público infantil tenha interesse e assim desperte a curiosidade em aprender sobre outras estórias. Nesse sentido, a pesquisa verificar estratégias para contar estórias na educação infantil.

Palavras Chave: Estórias. Infantil. Técnicas

INTRODUÇÃO

A contação de estórias encanta as pessoas, independentemente da idade, e na Educação Infantil é ainda mais encantadora. O momento preparado para ouvir estórias é aguardado ansiosamente pelos alunos, e cada professor tem uma característica peculiar ao organizar o cenário, os objetos, e deixar o público na expectativa de participar daquele momento.

Uma estória bem contada ou lida de maneira envolve as crianças de maneira que desperta a curiosidade e também aprende diversos assuntos, tudo isso a partir de uma boa estória.

A estória em sala de aula é uma prática educativa antiga, eficaz e gera resultados.

Há vários tipos de gêneros textuais que podem ser explorados na educação infantil, mas todos esses gêneros precisam ser abordados de maneira adequada, considerando as especificidades do público alvo.

Nessa pesquisa, o objetivo geral é verificar técnicas utilizadas pelos professores no momento de contar estórias, pois há inúmeras maneiras de envolver o público infantil.

Para isso será realizada uma revisão bibliográfica sobre técnicas de contar estórias em sala de aula visando a educação infantil.

O fato de conhecer técnicas e registrar as práticas pedagógicas favorece para que novos docentes aprendam e apliquem com seus alunos, sempre respeitando o contexto e a realidade do grupo.

E assim propiciar um momento agradável para que a imaginação, as curiosidades possam ser cada vez mais estimuladas.

DESENVOLVIMENTO

Contar estórias é algo utilizado para transmitir suas experiências ou crenças aos outros, passando informação de geração em geração. Assim ocorre com os povos indígenas, os mais velhos por meio de estórias ensinam aos mais novos sobre a vida.

Na escola essa prática é muito comum na educação infantil e a longo dos anos, por diversos fatores, esse momento vai sendo cada vez mais escasso.

Mesmo senso comum na educação infantil, há professores que podem apresentar dificuldades ou simplesmente desconhecer técnicas que favoreçam esse momento de ouvir estórias.

Segundo Jorge (2003) o professor pode sentir dificuldades em preparar cenários ou utilizar técnicas mais elaboradas, devido a cobrança dos conteúdos e a regras institucionais, isso não permite um tempo específico para que os alunos e professores desfrutem dessa experiência. Trata-se de uma tarefa que requer tempo e planejamento.

Esse momento proporcionado a criança será válido por todo o processo de aprendizagem, fazendo com a criança tenha acesso a cultura e possa produzir cultura também, como afirma Jorge (2003 p.97):

É fundamental que a criança possa vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, explorando diferentes linguagens, capturando-as e apropriando-se do mundo que a cerca, para que este se desvele diante dela e se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidade, de espantos de desejos e descobertas, numa dinâmica em que ela se socialize e se manifeste de forma ativa, cri(ativa), (particip)ativa em qualquer situação, não apenas "recebendo" passivamente, mas produzindo e (re)produzindo cultura.

Quando a criança ouve uma estória a imaginação é estimulada, e passa a partir de um livro conhecer outras culturas, outros países, novas palavras, e isso proporciona um aumento do vocabulário, além de ampliar seu conhecimento de mundo.

Sobre o estímulo à imaginação, Vygotsky (apud Castro 1992, p.129) afirma que enquanto o aluno imagina algo, está se distanciando da realidade, assim é possível possibilitar processos cada vez mais complexos.

Assim compreende-se que entre outros fatores positivos, ouvir estórias tem uma função importante no desenvolvimento da criança.

Não basta apenas contar a estória, é preciso envolver o aluno no contexto fantasioso, para isso o professor precisa utilizar recursos para interagir com o público infantil.

De acordo com Sisto (2005) a pessoa que narra pelas palavras, gestos e por meio do contexto seduz o ouvinte por propiciar um novo ambiente, levando todos a conhecer um mundo ainda desconhecido, podendo conter magia e fantasia.

Nesse momento de contar estórias ocorre um vínculo positivo entre quem ouve e quem conta, torna o momento especial, assim o real e o imaginário se encontram.

De acordo com o Houaiss (2009) o termo contador significa narrador, ele administra a palavra, pois se trata de alguém que tem como função contar alguma coisa para os outros. Para fazê-lo, precisa atuar, conduzindo detalhadamente a narrativa.

Ao narrar pelas palavras em conjunto com os gestos, cria-se um ambiente capaz de seduzir os ouvintes, levando-os para um mundo diferente com fantasia, algo que um bom contador realiza com facilidade prendendo a atenção seus ouvintes.

Atenção que envolve os sentimentos e valores com os narrados pela história, compartilhando com os demais ouvintes suas reações e vivências relacionadas ao fato narrado, além de incitar a imaginar criativamente (SISTO, 2005).

Na educação infantil o ato de contar estórias pode fazer a diferença na vida adulta, pois na infância a narrativa envolve a criança e a medida com que entra em contato com novas estórias gera aprendizado, compreendendo vários aspectos do mundo em que vivemos (SILVA, COSTA E MELLO 2009).

Os autores Sisto (2005) e Silva, Costa e Mello (2009) concordam sobre a importância de ouvir estórias e isso agrega valor às estórias narradas, ou seja, a linguagem oral tem um espaço importante na educação infantil.

Para Radino (2003) a escola costuma valorizar a letra impressa, principalmente devido a sua função alfabetizadora e nem sempre a linguagem oral tem o mesmo espaço. É preciso ressaltar a função da oralidade na comunicação humana, pois a leitura não se resume a um ato mecânico, mas trata-se de um processo cultural e social, a criança necessita ler o mundo utilizando todas as maneiras

de comunicação. O autor ainda ressalta a situação cotidiana do professor na educação infantil, em que em sua rotina há muitas tarefas diversas, preocupados em cumprir o currículo, cuidar, educar, aplicar atividades lúdicas e com isso a prática da narrativa fica para segundo plano.

Uma das formas de incentivar os alunos a gostarem das estórias é exatamente ser um excelente leitor, narrador também. O professor que domina técnicas de contar estórias e usa a criatividade, o ouvinte buscará novas estórias e assim desenvolverá mais gosto pela leitura.

O melhor instrumento e a técnica mais eficiente são o amor e a criatividade, unidos à preocupação com os objetivos do trabalho, com o nosso público e com a mensagem a ser transmitida. É preciso que o professor goste de literatura infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração. Se o professor for um apaixonado pela Literatura Infantil, provavelmente, os alunos se apaixonarão também. Para ler um texto de Literatura Infantil é preciso ter o coração de criança. Muitas vezes lemos uma história e não gostamos, uma criança lê a mesma história e fica encantada. Isso pode acontecer porque lemos com a cabeça de adulto (OLIVEIRA, 2009 p.15).

Para Abramovich (1989), "o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto! "

Além desses itens citados pelo autor (1989) a criança imita o contador de estórias, ela começa a contar exatamente como ouviu. Ao escutar terá interesse em saber mais e irá procurar a leitura de novos livros, ou seja, incentivo à leitura começa na primeira infância pelo ouvir.

Ouvir uma estória na primeira infância considerando o ambiente escolar, com muitas crianças no mesmo espaço físico, interferências que ocorrem de som, pessoas entrando na sala, enfim, vários obstáculos podem surgir durante a prática de contar estórias.

O público se distrai com facilidade, por isso, são necessárias técnicas que podem ajudar a prender a atenção do ouvinte.

Muitas são as técnicas conhecidas no momento da contação de estórias, desde fantoches, objetos, teatro de sombras, enfim, há estratégias que podem ser utilizadas para os mais variados tipos de públicos.

Para manter essa atenção algumas técnicas segundo Coelho (2000) e Dohme (2001) serão abordadas para compreende práticas que podem ser aplicadas em sala de aula.

Entre as técnicas para contar uma estória está a gravura, ou seja, imagens de uma estória com figuras sequenciais ou apenas uma, sendo enriquecida com detalhes do narrador.

Segundo Coelho (2000) as gravuras favorecem maiores percepções de detalhes, pois permitem que as crianças observem os detalhes e contribuem para a organização de seu pensamento. Isso lhes facilitará mais tarde a identificação da ideia central, fatos principais, fatos secundários, etc.

Ao contar estórias com gravuras, a sequência delas pode ser fixada em um mural, no final da narrativa, a criança pode a partir das imagens fazer um reconto, algo apreciado pelos alunos.

Outra técnica para ser utilizada é o teatro de sombras, para realizar é necessário preparar o ambiente e o local onde se projeta uma luz com superfície opaca.

Existe a possibilidade de criar uma caixa e com fantoches de varetas fazer as sombras dos personagens com auxílio de uma lanterna, e assim narrar.

Em locais com espaço adequado, como um auditório, a técnica de sombras fica muito chamativa e os ouvintes encantados.

Na cidade de Diadema, uma creche fez a experiência de organizar um teatro de sombras, nesse local havia um auditório e um palco de teatro.

Com auxílio de uma lanterna grande, foi posicionado no fundo do palanque a lanterna e a frente do palco foi coberta por um lençol branco.

Os personagens eram crianças vestidas como rei, princesas, porém o que refletia para o público era a sombra, com a imagem perfeita dos personagens, deixado os detalhes da roupa na imaginação das crianças.

Durante a apresentação, não houve um momento de barulho ou distração, todos atentos para saber a continuidade da narrativa, portanto, nesse exemplo ficou claro que é uma prática que desperta a atenção do público infantil.

Outro exemplo é narrar uma estória a partir de objetos, para isso, se faz necessário uma mesa para que os objetos estejam bem visíveis e assim o público possa acompanhar.

Essa técnica já foi mostrada na televisão fazendo muito sucesso no antigo programa infantil da TV CULTURA chamado de Ratimbum. Nesse programa a atriz Helen Helena com objetos comuns e simples, narrava diversas estórias como fábulas, contos de fadas, memória popular entre outros.

A partir desse exemplo, muitas pes-

soas utilizam essa técnica até os dias atuais e para isso é necessário que o narrador conheça bem a estória pois não poderá segurar livro, suas mãos devem estar livres para mover os objetos conforme a narrativa.

Os objetos devem ser preparados com antecedência e disponibilizado na mesa com o cuidado de mostrar o objeto no momento correto da narrativa, além de uma entonação de voz, contato visual com os ouvintes.

Para criar um clima de mistério, uma outra ideia é tirar os objetos da caixa conforme narra a estória, criando expectativa em qual será o próximo personagem a surgir.

Uma outra maneira de contar estória é denominada Figura sobre cenário. Nesse método é utilizado um quadro e nele são fixadas figuras de personagens, presos por alfinetes ou velcometro, e ao grudar o personagem vai narrando os fatos (DOHME, 2001).

O fantoche de varetas apresenta um tamanho pequeno, por isso é adequado para grupos pequenos. Geralmente é confeccionado de papel cartão ou E.V.A com personagens diversos e com enfeites que despertam a atenção da criança. Pode ser aplicado em qualquer estória.

Há também fantoches que são bonecos, confeccionados de pano com semelhança de pessoas ou animais e divertem as crianças com suas estórias. Uma vantagem é que se pode ter o roteiro escrito, o que facilitará a tarefa. Os fantoches também podem ser usados de forma interativa com as crianças, elas mesmo manuseando-os, ou mesmo fazendo os bonecos de cartolina com roupas de papel crepom (DOHME, 2001).

Outro método que pode ser aplicado é a partir de dobraduras, o professor monta os personagens e utiliza para contar estórias. Nesse método é preciso desenvolver a habilidade para realizar a dobradura.

Além desse exemplo é possível fazer dobraduras com as crianças narrando estórias, a cada fase da narração um vinco diferente, ao fim da narrativa uma dobradura estará pronta.

Para Dohme (2001) a técnica de estórias com dobradura proporciona uma boa interação com as crianças quando a narrativa acompanha a sucessão de dobraduras feitas por elas.

Em alguns momentos na escola, como eventos culturais, muitos professores utilizam maquetes com participação das crianças e apreciado por todos, visualmente é bonito. Com a maquete pronta a partir de diversos materiais como crepom, papelão, bonecos de feltros, entre outros, torna-se um cenário para contar estórias e as crianças podem ser as narradoras (DOHME, 2001).

Já as marionetes que são bonecos comandados por fios presos na cabeça, nas mãos e nos pés podem ser excelentes recursos para narrar estórias.

A cena desenrola-se no chão e os operadores ficam colocados atrás de um pequeno cenário. As histórias com bastante movimento, engraçadas são as que melhor se adequam a esta técnica. Como os bonecos são esguios, eles se prestam as mais diversas caracterizações e podem, inclusive, trocar de roupa conforme a cena (DOHME, 2001).

Outro modo de apresentar estórias para grupos pequenos existe os dedoches que são pequenos fantoches utilizados nos dedos. A vantagem é que tem um custo de material muito baixo, o que permite ter uma grande variedade deles. A desvantagem é que não podem ser usados para uma plateia muito grande (no máximo cinco ou seis) (DOHME, 2001).

Essas são algumas das técnicas existentes e podem ser adaptadas, somadas pois é possível introduzir outros elementos durante uma técnica aplicada.

Para Oliveira (2009) as técnicas em sua maioria possibilitam ao professor, pausar em um determinado momento da história e introduzir outros recursos, como música, expressão corporal entre outros.

Além das técnicas é preciso observar outros elementos no momento de contar a narrativa, entre eles o tempo de duração, pois irá depender da faixa etária e do interesse. Para um público de crianças pequenas deve durar de cinco a dez minutos, os maiores de 15 a 20 minutos, mas isso é muito relativo. A criança que está numa fase mágica que acompanha todo o enredo, enquanto outras do mesmo grupo não consegue fixar atenção e ficam distraídas. É necessário que o narrador tenha sensibilidade para alongar ou diminuir o texto conforme no momento em que estava estudando a estrutura da história separando o que é essencial e o que são detalhes que podem ser excluídos (COELHO, 1999).

Em alguns momentos é preciso lidar com as interrupções por motivos variados, entretanto se a criança interromper com falas fora do enredo, apenas para chamar atenção sobre sua pessoa o contador jamais interrompe a narrativa (COELHO, 1999).

De acordo com Coelho (1999) o narrador deve confirmar com sorriso, uma palavra, um gesto de assentimento. Na segunda hipótese, fixa o olhar na direção de quem interrompeu sorri e com gesto pede ele para guardar. Concluída narração, imediatamente pergunta a ele o que estava querendo dizer ao indagar, dando-lhe a oportunidade de expandir-se.

Esse comportamento de calma e atitude tranquila do narrador sem mostrar impa-